

James Walvin



UMA
HISTÓRIA
DA ESCRAVATURA

Tradução de Jorge Palinhos

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMVIII

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

A escravatura e o abolicionismo 9

PARTE I

A ESCRAVATURA ANTES DA IDADE MODERNA 13

1. A escravatura na Antiguidade Clássica 15
2. A escravatura na Europa Medieval 29
3. A escravatura e o Islão 39

PARTE II

A ESCRAVATURA NO ATLÂNTICO 47

4. As origens da escravatura no Atlântico 49
5. A chegada dos ingleses 63
6. Os navios negreiros 83

PARTE III

AS AMÉRICAS 105

7. Os escravos no trabalho 107
8. A resistência dos escravos 129
9. As comunidades de escravos 145

PARTE IV

ABOLIÇÃO E EMANCIPAÇÃO 163

10. A abolição do comércio de escravos 165
11. A libertação dos escravos 213

EPÍLOGO

A sobrevivência da escravatura 253

Notas 259

Bibliografia Recomendada 265

Agradecimentos 271

Índice Onomástico 273

© 2008, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

© 2007, James Walvin

Título original: *A Short History of Slavery*
Autor: James Walvin
Tradução: Jorge Palinhos
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Vera Tavares

1.ª edição: Abril de 2008

ISBN 978-972-8955-55-7
Depósito Legal n.º 273745/08

INTRODUÇÃO

A escravatura e o abolicionismo

A GRÃ-BRETANHA E OS Estados Unidos da América proibiram o tráfico atlântico de escravos africanos em 1807 e 1808. Contudo, este comércio continuou (especialmente para o Brasil e para Cuba) até desaparecer completamente na década de 1860. Nos três séculos e meio precedentes, cerca de 12 milhões de africanos haviam sido levados através do Atlântico em navios negreiros, tendo dez milhões e meio sobrevivido à viagem e desembarcado no continente americano. A maioria das principais potências marítimas europeias e americanas colaborou de alguma maneira neste sistema de escravatura atlântica, mas, em meados do século XVIII, os ingleses revelaram-se os grandes mestres, comerciais e navais, no sinistro talento de transportar um grande número de africanos, de forma rápida e lucrativa, para as grandes plantações americanas.

À abolição do tráfico de escravos seguiu-se, no século XIX, o lento e errático desmantelamento da escravatura negra por todo o continente americano, começando em 1790 com a revolta dos escravos em São Domingos, no Haiti, e terminando com a emancipação dos poucos escravos que ainda restavam no Brasil, em 1888. A Grã-Bretanha extinguiu a escravatura nas suas colónias em 1833-4 através de uma lei do Parlamento (e através do pagamento, aos donos dos escravos, de uma compensação astronómica), mas nos EUA a escravatura só terminou com o banho de sangue da Guerra Civil Americana (entre 1860 e 1865).

Desde o início até ao fim, o sistema esclavagista definiu-se pela brutalidade, além de ter deixado graves sequelas em três continentes: na América, cujo potencial económico foi explorado graças a

gerações de africanos importados; na Europa, que orquestrou e beneficiou com o sistema; e, obviamente, em África, que sofreu uma perda colossal de população, além da violência e do caos que o processo implicava e de que resultaram danos incalculáveis e profundos. Mas a escravatura do Atlântico teve consequências ainda mais profundas do que esta breve frase é capaz de indiciar, pois foi também o principal factor de mudança do Ocidente. Foi graças à escravatura que esta parte do mundo atingiu uma posição de poder político e económico ímpar. De forma sucinta, a mão-de-obra escrava africana, transplantada para o continente americano, foi um factor decisivo na criação da riqueza ocidental e consequente subordinação das outras regiões e dos outros povos ao poder supremo do Ocidente.

Este episódio histórico é, assim, importante não só por si mesmo, mas também pela influência que teve num panorama histórico alargado — muito mais alargado, na verdade, do que muitas vezes se afirma. Mas a história da escravatura do Atlântico deve o seu interesse também a uma série de outras razões, algumas delas bastante intrigantes. Por exemplo, a maioria dos leitores e estudantes de hoje tem dificuldade em compreender como é que o sofrimento, que era inerente à escravatura atlântica, podia ser presenciado por tanta gente, numa escala tão vasta, e gerava tão poucas hesitações e nenhuns escrúpulos. Era como se a escravatura transatlântica fosse um assunto moralmente neutro para os que nela participavam (que foram várias dezenas de milhares de pessoas), desde o mais humilde marinheiro até ao mais abastado fazendeiro ou comerciante de escravos. Os anais da escravatura estão repletos de relatos de ocidentais (na maioria brancos) que trataram a humanidade negra da forma mais repelente possível — sem sequer se aperceberem daquilo que estavam a fazer. Capitães de navios de escravos, donos de plantações e funcionários das colónias (muitas vezes homens tementes a Deus até à ponta dos cabelos) encheram os seus diários de bordo, os seus registos e relatórios com as histórias mais violentas e degradantes do seu contacto com os escravos, sem denotarem a mais pequena dúvida ou hesitação em relação aos seus actos. A dúvida moral ou a hesitação religiosa raramente interferiam no modo como descreviam o seu tra-

balho diário, dominado pela relação directa diária com os africanos e os seus descendentes escravos.

Também há, é verdade, o outro lado da história. Pessoas de consciência que, logo desde o início, mostraram desconforto em relação à escravatura dos africanos e se aperceberam das dificuldades morais e teológicas que aquela colocava. Mas estas pessoas tendiam a estar fora do sistema esclavagista e as suas vozes foram, na maior parte das vezes, marginalizadas ou silenciadas pela força antagónica do comércio e pelo sedutor tilintar do lucrativo comércio de escravos africanos.

O bem-estar que a escravatura proporcionava era tão abundante e universal (com a evidente excepção dos escravos) que as objecções morais pareciam deslocadas. Porquê preocuparmo-nos com os africanos quando os seus esforços rendiam tanto proveito a tanta gente de ambos os lados do Atlântico?

Para os olhos contemporâneos, tudo isto parece profundamente estranho e alheio às sensibilidades e valores actuais. Mas, do mesmo modo, na grande história da escravatura do Atlântico, há outro desafio peculiar para os leitores modernos. É que, embora praticamente não tenha provocado objecções morais durante vários séculos no Ocidente, a escravatura terminou num crescendo de indignação e repugnância ética. Uma instituição que sobrevivera durante séculos sem gerar grande oposição terminou os seus dias acusada de ser uma ofensa aos valores cristãos e uma nódoa na consciência ocidental. Era óbvio que alguma coisa tinha mudado. Mas o que se terá passado para que a escravatura e o comércio de escravos se transformassem em tal monstro imoral e irreligioso? Se o comércio de escravos e a escravatura eram práticas imorais e pouco cristãs em 1830, porque é que não o foram em 1730 ou em 1630? A escravatura teria mudado? Teria o Ocidente mudado? Ou será que a escravatura passara a ocupar um lugar completamente diferente no mundo ocidental?

Neste livro tentar-se-á explicar algumas destas questões através de um esboço da história da escravatura no Atlântico até ao seu declínio e queda. É, portanto, um estudo da escravatura tal como esta emergiu no Atlântico depois de Cristóvão Colombo, incidindo

particularmente nos ingleses, o povo que foi o maior transportador de africanos no apogeu deste comércio infame, em meados do século XVIII. Contudo, também procurei enquadrar a história da escravatura do Atlântico num contexto histórico mais abrangente, analisando alguns dos seus principais precursores. O livro termina com uma chamada de atenção para o facto de a escravatura não ter terminado com o fim da escravatura negra nas Américas.

O livro actua então a dois níveis. Em primeiro lugar, é uma narrativa que se desenvolve ao longo de vários capítulos de uma forma largamente cronológica. A cada capítulo foi acrescentada uma selecção de documentos que ilustram os argumentos expostos no texto. No entanto, a obra não é apenas um comentário a uma selecção documental. Cada uma das partes — tanto as minhas palavras como as dos textos originais — apresenta argumentos paralelos, ainda que relacionados entre si, e deve assentar nos seus próprios méritos e qualidades.

PARTE I
A escravatura antes da
Idade Moderna



4. In Michael Craton, *Testing the Chains: Resistance and Slavery in the British West Indies*, Ithaca, Nova Iorque, 1982, p. 266.
5. Mary Turner, *Slaves and Missionaries: The Disintegration of Jamaican Slave Society, 1787-1834*, Urbana, Illinois, 1982, p. 9.
6. Thomas Clarkson, Carta de 20 de Maio de 1796, Clarkson Papers, Huntington Library, San Marino, Califórnia.
7. In Michael Craton, *ibidem*, p. 269.
8. James Walvin, *Black Ivory: a History of British Slavery*, Londres, 1992, p. 278.
9. In James Walvin, *England, Slaves and Freedom, 1776-1838*, Londres, 1986, p. 145.
10. Thomas Clarkson, «Speech Used at Forming of Committees, 1823-1824», Clarkson Papers, *ibidem*.
11. In Michael Craton, *ibidem*, p. 321.
12. Joseph Sturge, *Memoirs*, 1864.
13. Vincent Harlow e Frederic Madden (coord.), *British Colonial Developments, 1774-1834, Selected Documents*, Oxford, 1953, pp. 550-1.
14. Idem, *ibidem*, p. 549.
15. George Stephen, *Anti-Slavery Recollections*, 1859.
16. James Cropper, Carta a William Wilberforce, 5 Mês 3 1821, in *Letters Addressed do William Wilberforce*, Londres 1822.
17. Vincent Harlow e Frederic Madden, *ibidem*, pp. 557-9.
18. James Stephen, *Slavery Delineated*, 1830.
19. In Clare Midgley, *Women Against Slavery: The British Campaigns*, Londres, 1992, p. 97.
20. Idem, *ibidem*, p. 85.
21. *Memoirs of William Knibb*, 1849.
22. Vincent Harlow e Frederic Madden, *ibidem*, pp. 587-8.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

De seguida, indicam-se outras sugestões de leitura segundo os temas de cada capítulo. Para os leitores que pretendam acompanhar a literatura mais especializada em escravatura, o melhor ponto de partida é a bibliografia anual que é editada por Joseph Miller e seus colegas em *Slavery and Abolition* (Routledge, Londres). Para a versão mais recente, veja-se «Slavery: Annual Bibliographical Supplement (2004)», de Thomas Thurston e Joseph C. Miller, presente em *Slavery and Abolition*, editada por Gad Heuman, em Londres, volume 26, número 3 de Dezembro de 2005.

I. A ESCRAVATURA NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

BUCKLAND, W.W., *The Roman Law of Slavery*, Cambridge, 1908/1970.
 BUSH, M.L. (coord.), *Serfdom and Slavery*, Londres, 1996.
 FINLEY, M.I., *Ancient Slavery and Modern Ideology*, Londres, 1980.
 FINLEY, M.I. (coord.), *Classical Slavery*, Londres, 1987.
 FISHER, N.R. E., *Slavery in Classical Greece*, Londres, 1993.
 WIEDEMANN, Thomas, *Greek and Roman Slavery*, Londres, 1981.

2. A ESCRAVATURA NA EUROPA MEDIEVAL

BONASSIE, Pierre, *From Slavery to Feudalism in South-Western Europe*, Cambridge, 1991.
 DOCKES, Pierre, *Medieval Slavery and Liberation*, Londres, 1982.
 FLETCHER, Richard A., *The Conversion of Europe*, Londres, 1997.
 HELLIE, Richard, *Slavery in Russia*, Chicago, 1982.
 HILGARTH, J.N., *The Spanish Kingdoms, 1250-1516*, Oxford, 1978, 2 vols.
 HILTON, Rodney, *Bondsmen Made Free*, Londres, 1977.
 O'CALLAGHAN, Joseph F., *The Learned King: the Reign of Alfonso X of Castille, Philadelphia*, 1993.

ORIGO, Iris, *The Merchant of Prato*, Harmondsworth, 1979.
 PELTERET, David Antony Edgell, *Slavery in Medieval England: from the Reign of Alfred until the 12th Century*, Woodbridge, Suffolk, 1995.

3. A ESCRAVATURA E O ISLÃO

HOLT, P.M., LAMBTON, Ann K.S. e LEWIS, Bernard (coord.), *The Cambridge History of Islam*, Cambridge, 1970, vol. II.
 HUNWICK, John (coord.), *Sharia in Songhay*, Oxford, 1985.
 LEWIS, Bernard, *The Muslim Discovery of Europe*, Londres, 1982.
 MARMON, Shaun E. (coord.), *Slavery in the Islamic Middle East*, Princeton, 1999.
 SEGAL, Ronald, *Islam's Black Slaves: The History of Africa's Other Black Diaspora*, Londres, 2001.
 WILLIS, John Ralph (coord.), *Slaves and Slavery in Muslim Africa*, Londres, 1985, 2 vols.

4. AS ORIGENS DA ESCRAVATURA NO ATLÂNTICO

BLACKBURN, Robin, *The Making of New World Slavery*, Londres, 1997.
 CURTIN, P.D., *The Rise and Fall of the Plantation Complex*, Cambridge, 1990.
 ELTIS, David, *The Rise of African Slavery in the Americas*, Cambridge, 2000.
 LOVEJOY, P.E., *Transformations in Slavery: a History of Slavery in Africa*, Cambridge, 1983.
 PHILLIPS, W.D., *Slavery from Roman Times to the Early Atlantic Slave Trade*, Manchester, 1985.
 POSTMA, Johannes, *The Dutch and the Atlantic Slave Trade*, Cambridge, 1990.

5. A CHEGADA DOS INGLESES

BECKLES, Hilary, *A History of Barbados*, Cambridge, 1990.
 CANNY, Nicholas (coord.), *The Oxford History of the British Empire*, vol. I, *The Origins of the Empire*, Oxford, 1998.
 KLEIN, Herbert, *The Atlantic Slave Trade*, Cambridge, 1999.
 PORTER, Andrew (coord.), *Atlas of British European Expansion*, Londres, 1991, «Slavery in the Americas», *William and Mary Quarterly*, vol. LIX, n.º 3, Julho de 2002.

6. OS NAVIOS NEGREIROS

ELTIS, David, et al., *The Trans-Atlantic Slave Trade: a Database on CD-ROM*, Cambridge, 2000.
 KLEIN, Herbert, *The Atlantic Slave Trade*, Cambridge, 1999.
 «NEW PERSPECTIVES ON THE ATLANTIC SLAVE TRADE», *William and Mary Quarterly*, vol. LVIII, n.º 1, Janeiro de 2001.
 RICHARDSON, David, «The British Empire and the Atlantic Slave Trade, 1660-1807», *Oxford History of the British Empire*, (coord.) P.J. Marshall, vol. II, *Eighteenth Century*, Oxford, 1998.

7. OS ESCRAVOS NO TRABALHO

AXTELL, James, *Beyond 1492: Encounters in Colonial North America*, Nova Iorque, 1992.
 BURNARD, Trevor, *Mastery, Tyranny and Desire*, Chapel Hill, 2004.
 CROSBY, Alfred W., *Ecological Imperialism: the Biological Expansion of Europe, 900-1900*, Cambridge, 1991.
 HALL, Douglas, *In Miserable Slavery: Thomas Thistlewood in Jamaica, 1750-1786*, Londres, 1992.
 HIGMAN, B. W., *Plantation Jamaica, Capital and Control in a Colonial Economy*, Kingston, Jamaica, 2005.
 MEINING, D. W., *The Shaping of America: a Geographical Perspective on 500 Years of History*, vol. I, *Atlantic America, 1492-1800*, New Haven, 1986.
 SCHWARTZ, Stuart, *Sugar Plantations in the Formation of Brazilian Society, Bahia 1550-1835*, Cambridge, 1985.

8. A RESISTÊNCIA DOS ESCRAVOS

CRATON, Michael, *Testing the Chains: Resistance to Slavery in the British West Indies*, Nova Iorque, 1982.
 HEUMAN, Gad (coord.), *Out of the House of Bondage: Runaways, Resistance and Maroonage in Africa and the New World*, Londres, 1986.
 HEUMAN, Gad, e WALVIN, James (coord.), *The Slavery Reader*, Parte 7, «Slave Resistance», Londres, 2003.
 PRICE, Richard (coord.), *Maroon Societies*, Nova Iorque, 1973.

9. AS COMUNIDADES DE ESCRAVOS

- FREY, Sylvia R. e WOOD, Betty, *Come Shouting to Zion*, Chapel Hill, 1998.
 GOMEZ, Michael, *Exchanging our Country Marks*, Chapel Hill, 1998.
 HEUMAN, Gad, *The Caribbean: a Short History*, Londres, 2006.
 HEUMAN, Gad, e WALVIN, James (coord.), *The Slavery Reader*, Parte 4 «Family Gender and Community», Londres, 2003.
 ISAAC, Rhys, *Landon Carter's Uneasy Kingdom*, Nova Iorque, 2004.
 MORGAN, Philip D., *Slave Counterpoint: Black Culture in the Eighteenth-century Chesapeake and Lowcountry*, Chapel Hill, 1998.

10. A ABOLIÇÃO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS

- DAVIS, David Brion, *The Problem of Slavery in the Age of Revolution, 1770-1823*, Nova Iorque, 1975.
 DRESCHER, Seymour, *From Slavery to Freedom: Comparative Studies in the Rise and Fall of Atlantic Slavery*, Nova Iorque, 1999.
 ELTIS, David e WALVIN, James (coord.), *The Abolition of the Atlantic Slave Trade*, Madison, 1981.
 HOCHSCHILD, Adam, *Bury the Chains: the British Struggle to Abolish Slavery*, Londres, 2005.
 JENNINGS, Judith, *The Business of Abolishing the British Slave Trade, 1783-1807*, Londres, 1997.
 OLDFIELD, John, *Popular Politics and British Anti-Slavery*, Manchester, 1995.
 WISE, Steven M., *Though the Heavens May Fall: The Landmark Trial that Led to the End of Human Slavery*, Londres, 2006.

II. A LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS

- FERGUNSON, Moira, *Subject to Others: British Women Writers and Colonial Slavery, 1670-1834*, Londres, 1992.
 GREEN, William A., *British Slave Emancipation: the Sugar Colonies and the Great Experiment, 1830-1865*, Oxford, 1976.
 MIDGLEY, Clare, *Women Against Slavery: the British Campaigns, 1780-1870*, Londres, 1992.
 TURLEY, David, *The Culture of English Anti-slavery, 1780-1860*, Londres, 1991.
 TURNER, Mary, *Slaves and Missionaries: the Disintegration of Jamaican Slave Society, 1787-1834*, Urbana, 1982.
 WALVIN, James, *England, Slaves and Freedom, 1776-1838*, Londres, 1986.

- WOOD, Marcus, *Blind Memory: Visual Representations of Slavery in England and America, 1780-1865*, Manchester, 2000.

DOCUMENTOS

Em todo o livro procurei citar textos documentais que sejam facilmente acessíveis. Os leitores que desejem consultar outras provas documentais poderão começar pelas seguintes antologias, que se revelaram fundamentais para a elaboração deste livro.

- CRATON, Michael, WALVIN, James e WRIGHTS, David (coord.), *Slavery, Abolition and Emancipation*, Londres, 1976.
 DONNAN, Elizabeth, *Documents Illustrative of the History of the Slave Trade to America*, Washington, D.C., 4 vols., 1930-5.
 KITSON, Peter J. e LEE, Debbie (coord.), *Slavery, Abolition and Emancipation*, 8 vols., Londres, 1999.
 MULLIN, Michael (coord.), *American Negro Slavery*, Nova Iorque, 1976.
 ROSE, Willie Lee (coord.), *A Documentary History of Slavery in North America*, Nova Iorque, 1976.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- AÇORES: 51
Adriático, Mar: 33
Afonso X: 33
África: 10, 16, 32-5, 39, 40-2, 44, 49, 50-2, 54-6, 63, 66, 68-9, 72, 79-81, 83, 85, 87, 91, 102, 112, 121-2, 129, 133, 138, 145-7, 150, 165, 189, 192, 198, 202, 205, 208-11, 218, 225, 235, 241, 244, 254-5, 257
al-Mansur, Ahmad: 43
Alemanha: 222, 256
América: 9, 33, 41, 44, 51-2, 63-8, 77, 84, 86-8, 91, 107-8, 111, 121, 125, 133, 150, 152, 167-9, 171-2, 184, 186, 205, 210-1, 217, 242-3
Angola: 50, 52, 69, 80, 100
Antigo Egipto: 15
Antígua: 132
Apiano de Alexandria: 26
Arábia Saudita: 44, 255
Aristóteles: 20, 259
Atlântico: 7, 9-12, 16, 35, 47, 49, 51-6, 60-1, 63-4, 67-72, 83-7, 89, 91-2, 101, 108, 115, 129, 134-5, 147, 161, 166-8, 171, 176, 178, 190, 213-5, 219, 224, 226, 235, 253-7
Augusto: 22

BAGDADE: 40, 42
Baía: 53, 131
Bailey, James: 194

Balears: 32
Barbados: 64-6, 76, 132, 217-8, 220-1, 226, 233
Barber, Francis: 150
Barbot, John: 60, 96
Barcelona: 32, 37
Barton, John: 195
Benezet, Anthony: 166, 184
Benim: 60, 69, 80
Berlim: 257
Bermudas: 233
Biafra, Angra de: 69
Birmingham: 248
bispo de Londres: 159
Bizâncio: 29
Blake, William: 203
Bluck, Thomas: 76
Bordéus: 177
Brasil: 9, 52, 56, 63, 66, 68-9, 84-5, 87-8, 91, 108-9, 114, 133, 215, 217, 254-5
Bristol: 64, 84, 207-8
Brundisium: 27
Burke, Edmund: 179, 201, 223
Bussa: 217-8, 221, 226
Byrd, William: 136

CABO VERDE: 50-1, 58
Caffa: 34
Canadá: 121, 167
Canárias: 50-1, 74

Caraíbas: 52, 56-7, 64-7, 71, 75, 78, 85, 87, 91, 108-9, 114, 121, 132-3, 174, 178-80, 190, 216-7, 220-3, 228-9, 239
 Carolina do Norte: 67
 Carolina do Sul: 67, 71, 100, 107, 110, 119-20, 133, 138, 178
 Casas, Bartolomeu de Las: 53
 Castlereagh, lorde: 238
 Catalunha: 32
 Catão, o Velho: 21-2
 Ceuta: 49
 Charleston: 71, 120
 Chesapeake: 67, 71, 91, 107, 121
 Chipre: 34, 51
 Clark, William: 107
 Clarkson, Thomas: 170, 174, 176, 194-6, 214, 231
 Cocke, Bowler: 137
 Collingwood, Luke: 101-3, 169
 Colômbia: 91
 Colombo, Cristóvão: 11, 52, 54, 56-8
 Combahee, Rio: 120
 Congo: 50-1, 69, 96
 Constantinopla: 34
 Córdova: 40
 Corno de África: 255
 Costa do Ouro: 69
 Cosway, Richard: 190
 Cowper, William: 202
 Crasso: 27
 Cresswell, Nicholas: 156
 Creta: 34, 51
 Crixo: 26
 Cropper, Emmanuel: 232
 Cropper, James: 229, 232, 241
 Cuba: 9, 67, 84, 91, 155, 215
 Cugoano, Ottobah: 190
 Curaçao: 91, 94-5

 D. FERNANDO E D. ISABEL, REIS CATÓLICOS: 58
 Delio, D. António: 37
 Demerera: 226-7, 230, 233
 Denmark Vesey: 133
 Dillwyn, William: 195
 Dinamarca: 31
 Dover: 77
 Downes: 76-7
 Downing, George: 75, 79
 Duckett, Lionel: 74

 EARL GREY (CHARLES GREY): 233
 Edgeworth, Maria: 204
 Edwards, Bryan: 179
 Egípto: 15-6, 30, 34, 41
 El Mina: 94
 Enomau: 26
 Equiano, Olandan: 190
 Escandinávia: 31
 Escócia: 65, 80, 158
 Espanha: 29-30, 32-5, 41-2, 50-1, 56, 59, 64, 66, 75
 Espártaco: 26, 27
 Estados Unidos da América: 9, 67, 91, 111, 114, 168, 215, 257
 Eurípidés: 20, 259
 Europa: 7, 10, 16, 29, 30-5, 39, 49, 54, 56, 63-4, 72, 83, 85, 87, 91, 107, 112, 115, 146-7, 188, 198, 209, 213-5, 254, 257
 FALCONBRIDGE, ALEXANDER: 98, 100, 172, 261
 Fernando Pó, Ilhas de: 50
 Filadélfia: 166
 Formia: 25
 Fowell, Thomas: 232
 Fox, George: 166, 181
 França: 80, 171, 175, 178, 180, 213-4, 236, 254
 Franklin, Benjamin: 167

GAINSBOROUGH, THOMAS: 188
 Gana: 69, 190-1, 253
 Génova: 33-5
 Geórgia: 67
 Glabro, Varínio: 26
 Gladstone, William: 226
 Glasgow: 248
 Gooch, William: 142
 Goree, Jasper: 194
 Gorrevod, Lorenzo de: 59
 Grã-Bretanha: 9, 31, 67, 162, 167-72, 174-5, 177-8, 180, 182, 205-6, 209, 211, 216, 219, 220-4, 227-8, 230, 233-5, 242, 245
 Granada: 32, 132, 178, 190-1
 Grandes Pradarias: 108
 Granville Sharp: 102, 167-8, 183, 192, 195
 Grécia: 15-7
 Grenville, lorde: 181
 Guiana: 226
 Guiné: 58-9, 74-6, 79-80, 98, 139, 154, 184, 186, 189

 HAITI: 9, 66, 133, 174, 177-80, 182, 217, 234
 Hall, Basil: 119
 Hardy, Thomas: 175
 Harewood, lorde: 233
 Harrison, George: 195
 Hawkesbury, lorde: 196
 Hawkins, John: 55, 74
 Hispaniola: 74-5, 102
 Hoare, Samuel: 195
 Homero: 18, 136
 Hooper, Joseph: 195

 IBÉRIA: 32
 Igreja Metodista: 222
 Índia: 39, 242, 255
 Inglaterra: 16, 30-1, 72-4, 76, 78-81, 115, 122, 159, 161, 168-9, 183, 188, 190, 192, 200, 202, 204, 214, 219, 238, 247
 Isabella: 75
 Islândia: 29, 31
 Islão: 7, 15, 30, 32, 39-45, 49, 255
 Itália: 26, 30, 33-5

 JAMAICA: 65-6, 77, 90, 102-3, 131-2, 138, 142-3, 153, 178, 206, 218, 220, 226, 232-3, 249-50
 James, Rio: 142
 Jefferson, Thomas: 167-8
 Johnson, Samuel: 149
 Jones, Hugh: 121

 KNIBB, WILLIAM: 249

 LAGOS: 49, 56
 Lewis, Meriwether: 107
 Lima: 91
 Liverpool, lorde: 84, 101-2, 169, 238, 241
 Lívia: 22
 Lloyd, John: 195
 Lodge, Thomas: 74
 Londres: 64, 73-4, 76, 84, 92, 102, 159, 160-1, 166-7, 169, 172, 183, 190, 192, 215, 218-9, 221, 224, 230, 234, 240, 253
 Long, Edward: 153-4, 156, 158
 Louisiana: 133, 178
 Lúculo: 27

 MACEDO, LARCIUS: 25
 Madeira: 51
 Madison, James: 168
 Magrebe: 44
 Maiorca: 32-3, 37
 Mães, Revolta dos: 134
 Mandeville, George Robert: 194

Mansfield, supremo juiz de Inglaterra: 169
 Maomé: 39
 Marrocos: 49, 52, 255
 Marselha: 33
 Maryland: 67
 Mason, George: 124
 Maurícias, Ilhas: 240
 Médio Oriente: 32, 41
 Mediterrâneo, Mar: 32-5, 39-40, 50
 Menorca: 32
 Mitridates: 27
 Monna Lucia: 36
 Monna Margherita: 36
 Monte Christi: 75
 Montesquieu: 179
 More, Hannah: 176, 219
 Moscovo: 31, 257

NANTES: 92, 177
 Nápoles: 33
 Negro, Mar: 16, 32-5
 Newton, John: 99, 172
 Níger, Rio: 50, 93, 253
 Noruega: 31
 Nova Iorque: 112
 Núbia: 16, 41

PALERMO: 33
 Panamá: 91
 Paparo: 36
 Península Hispânica: 32
 Peterborough: 30
 Phillips, James: 195
 Phillips, Richard: 195
 Pitt, William: 178, 181, 196
 Platão: 17
 Plínio, o Velho: 24-5
 Plutarco: 21
 Pointe Couppe: 133

Poitiers: 32
 Pompeu: 27
 Pope, James: 76-7
 Públio Valério: 26
 Puerto de Plata: 75

RABAH, NUSAYB IBN: 42
 Ramsay, James: 197
 Roma: 15-7, 27
 Roménia: 36
 Roughley, Thomas: 116
 Row, Wilson: 77
 Rússia: 31, 187

SANCHO, IGNATIUS: 188
 Sansom, Philip: 195
 Santa Lúcia: 178
 Santiago de Compostela: 32
 Santo Domingo: 179
 São Domingos: 9, 66, 177-8
 São Tomé e Príncipe: 50-1
 São Vicente: 178
 Sara, deserto do: 40, 255
 Saratoga: 121
 Senegâmbia: 50, 69
 Serra Leoa: 69, 75, 167
 Shahin, Ibn: 43
 Sharpe, Sam: 232
 Sicília: 51
 Smith, Adam: 187
 Smith, reverendo John: 156, 226-7
 Solomon: 119
 St. Kitts: 64-6
 Stanley, Henry: 250
 Stephen, George: 232, 240
 Stephen, James: 246
 Stewart, John: 190
 Stono: 133
 Sturge, Joseph: 236
 Sudão: 44, 58
 Suécia: 31

Suhaym: 42
 Suriname: 131, 143

TAGARIN: 75
 Talleyrand, Charles-Maurice de: 214, 238
 Tana: 34
 Tenerife: 74
 Texas: 111
 Thomson, Maurice: 77
 Tobago: 94
 Towerson, William: 55, 72
 Trinidad: 67, 216
 Turner, Nat: 133

VALCKENBURGH, JAN: 79
 Vassa, Gustavus: 194, 201
 Vesúvio: 26
 Virgínia: 67, 121, 124, 136, 138, 139, 140, 142, 152, 159, 161, 220

WAAD, THOMAS: 77
 Walter, Thomas: 77

Washington, George: 168
 Wedgwood, Josiah: 172
 Weld, Isaac: 152
 Wellington, duque de (Arthur Wellesley): 214, 238
 Wesley, John: 166
 Westminster: 173, 188
 Whitbread, Samuel: 214
 Wiedemann, Thomas: 17
 Wilberforce, William: 170, 176, 208, 241
 Willoughby, Francis Lord: 77
 Winter, William: 74
 Winthrop, John: 75
 Wollstonecraft, Mary: 201
 Woods, John: 77
 Woods, Joseph: 195

XENOFONTE: 18-9

YORK, DUQUE DE: 79, 81
 York, escravo: 107, 111, 126
 Yorkshire: 112, 170